



OBSERVATÓRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DO RIO DE JANEIRO - OEERJ

Projeto de Pesquisa: A Diversidade em Sala de Aula: desenvolvendo culturas, políticas e práticas de inclusão



Formação OEERJ/2015

Rio de Janeiro

2016

A Diversidade em Sala de Aula: desenvolvendo culturas, políticas e práticas de inclusão

Introdução

No ano de 2011 a 2014, pesquisadores de quatro instituições de nível superior do Rio de Janeiro, em consonância com o Observatório Nacional de Educação Especial – ONEESP e o Observatório de educação Especial do Rio de Janeiro - OEERJ, desenvolveram uma pesquisa em âmbito nacional, focando as salas de recursos multifuncionais¹ como uma das políticas públicas de inclusão do alunado da educação especial.

Em 2015 o Observatório Estadual de Educação Especial no Rio de Janeiro (OEERJ) executou a pesquisa colaborativa intitulada *Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo*, como um desdobramento da pesquisa mencionada acima. Tratou-se, portanto, de uma investigação mutuamente formativa (dos pesquisadores e participantes) cujos dados originaram-se durante a execução de um curso homônimo de formação continuada de 100 horas (70 presenciais e 30 de atividades virtuais complementares) objetivando o desenvolvimento de estratégias de aproximação entre professores da classe comum e da educação especial, posto que pesquisas anteriores apontavam uma certa dificuldade de entrosamento e comunicação entre estes profissionais.

O curso foi planejado para oferecer 14 encontros, durante os quais trabalhávamos o desenvolvimento de culturas, a construção de políticas e a orquestração de práticas de inclusão em educação com base no Index para a Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011) e em temas curriculares escolhidos pelos próprios participantes do curso (e também sujeitos da pesquisa). Deste modo, aprofundamos a construção coletiva de saberes relativos aos temas: currículo, avaliação, políticas públicas, formação de professores e tecnologias. Dentre os resultados desta pesquisa (cujos dados encontram-se em fase de tratamento, discussão e análise), depreendemos o êxito do curso para os que participaram, mas, ao mesmo tempo,

¹ Espaço dotado de materiais e equipamentos, onde é ofertado o atendimento educacional especializado-AEE para alunos público alvo da educação especial (BRASIL, 2010).

uma enorme evasão: o curso começou com 109 participantes e terminou com 54. Percebemos, ainda, que o problema da (baixa) participação de professores de classes comuns continuou (19), pois o quantitativo de professores do AEE (35) que participaram da pesquisa foi bastante superior. No decorrer do curso, descobrimos que tal aconteceu porque os diretores das escolas não liberavam os professores de classe comum de sala de aula para participarem da formação continuada e da pesquisa.

Outro fator de destaque foram os comentários solicitando “aulas práticas” (o como fazer), e elogios quando ressaltávamos que fazíamos isto. Em nossa experiência, esta urgência pela prescrição de práticas é fenômeno antigo nas narrativas docentes e que, lamentavelmente, encontra-se, ainda, muito presente. Lamentamos esta presença porque ela aponta para uma impossibilidade quando se trata de lidar com seres humanos: a de se construir manuais e receitas *a priori* sobre o que fazer em sala de aula.

Com estas questões em mente, e mantendo o compromisso com a continuidade do Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro - OEERJ, optamos por construir um projeto de pesquisa colaborativa que, embora também seja executado por meio do curso de formação continuada, será diferenciado do de 2015 em suas estratégias.

Nossa proposta não se baseia em elaboração de cartilhas ou manuais para atuação docente. Ao contrário, por meio de experiências reais do cotidiano dos professores, buscamos despertar o potencial protagonista da ação docente para a elaboração de estratégias pedagógicas próprias, que, intencionalmente, promovam o debate, a identificação e a valorização da diversidade e a eliminação das barreiras à inclusão em educação.

Na perspectiva do referencial teórico eleito para este trabalho, argumentamos que a inclusão em educação está para além das deficiências (abordadas na educação especial). inclusão em educação como proposta deste estudo deve ser entendida como combate a toda e qualquer forma de exclusão e discriminação que todos os sujeitos da educação possam experimentar. Ou seja, a inclusão em educação é uma proposta onde todos os sujeitos possam ter voz, todos sejam agentes do processo educacional, todos sejam bem-vindos e todos sejam capazes de indentificar as ações que contrariam os direitos individuais, a diversidade e o exercício pleno da cidadania.

Justificativa

Tendo em vista a necessidade de verificarmos os estudos sobre as questões aqui levantadas, realizamos uma revisão de literatura com consulta aos bancos de dados dos sites da CAPES, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD e da Scielo, no intuito de encontrar teses, dissertações e artigos versando sobre o tema deste projeto a partir de 2010 (limite máximo retroativo permitido pelo banco da CAPES). Cruzamos as palavras chave *formação docente*, *diversidade*, *inclusão em educação* e *práticas pedagógicas*. Encontramos 02 dissertações de mestrado no site da CAPES, 02 teses de doutorado e duas dissertações de mestrado no site do BDTD e 04 artigos no site da Scielo².

Destacaremos, a seguir, aqueles estudos cujos dados foram considerados relevantes para a presente proposta de trabalho.

Entre as produções encontradas no site da BDTD, consideramos o estudo de Bonifácio (2011) como o que mais se aproxima de nossa proposta de formação. Nele o foco estava nas práticas pedagógicas consideradas inovadoras porque favorecem a participação de todos os alunos nas atividades realizadas em sala de aula e rompem com o padrão tradicional de ensino giz e lousa. Como resultado, os dados revelaram que ocorrem mudanças nas práticas pedagógicas dos docentes em direção à inovação na sala de aula e que se tornaram mais inclusivas porque encorajam a interação entre os educandos, e a participação nas atividades realizadas em classe. Contudo, essas mudanças ainda são incipientes e, segundo os docentes, resultam das condições de trabalho que não possibilitam o tempo necessário para planejar e implementar práticas mais inovadoras.

Na pesquisa no banco de teses da CAPES, encontramos um estudo de caso em uma escola inclusiva da educação infantil (FERNANDES, 2013). Nele foram identificadas as dificuldades da professora regente em trabalhar com práticas pedagógicas inclusivas, as quais tiveram origem identificada na falta de articulação com outros profissionais da escola, e, na gestão escolar.

² Acesso em 19 de janeiro de 2016.

Ainda na pesquisa realizada neste banco, encontramos o estudo etnográfico de Jitsmori (2011) que demonstrou que as identidades dos sujeitos da educação são móveis, flexíveis. Ao mesmo tempo em que o professor apresenta práticas pedagógicas colonizadoras, ele também recebe práticas colonizadoras no exercício da sua função. Entretanto, o estudo não aponta aspectos relacionados à prática cotidiana do professor para o reconhecimento da diversidade no planejamento das aulas.

Entre os estudos disponíveis no site do Scielo encontramos o estudo etnográfico de Canen (2011) realizado em uma escola pública de ensino fundamental com objetivo de pesquisar a prática docente voltada para a pluralidade cultural. Os dados do estudo apontam silêncios relacionados às expressões culturais diversificadas, potenciais e desafios para uma representação plural do cotidiano. Portanto, o estudo deve contribuir para o pensar em novas formas práticas pedagógicas para identificação e valorização das diferenças.

Conforme evidenciado, a presente proposta de trabalho faz-se necessária como uma possibilidade de promoção de práticas educacionais inclusivas planejadas, intencionalmente, para o reconhecimento e valorização da pluralidade e da diversidade em todos os ambientes educacionais com reflexo na sociedade como um todo.

Objetivos

Objetivo Geral:

Investigar e caracterizar práticas pedagógicas em todos os ambientes escolares, voltadas para a valorização da diversidade e para o desenvolvimento de culturas políticas e práticas inclusivas, visando à participação e aprendizagem de todos os alunos no cotidiano escolar, tendo por aporte teórico-metodológico o Index para a Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011).

Objetivos Específicos:

- a) Contribuir para a articulação entre professores do Atendimento Educacional Especializado e do ensino regular, no que tange as estratégias de inclusão em educação;
- b) Promover e avaliar estratégias de participação dos professores na pesquisa por meio de encontros de formação, divulgação por edital, e prioridade para professores da escola pública;

c) Desenvolver reflexões críticas que derivem em práticas pedagógicas de inclusão, com base em situações cotidianas que desafiam a valorização da diversidade em sala de aula.

Metodologia

DELINEAMENTO DA PESQUISA

A relação entre universidade e escola não tem sido, historicamente, uma relação desprovida de conflitos, inclusive de ordem ética (SANTOS, 2006; LARA, 2007; BORTOLOTTI, 2007). Na pesquisa em Educação, é comum vermos as escolas reclamarem de terem sido “campo” para pesquisadores e de não terem obtido retorno sobre o estudo realizado. Este quadro vem fortalecendo cada vez mais um delineamento colaborativo e participativo de pesquisa, no intuito de se criar possibilidades de trabalho coletivo entre a universidade e as escolas da educação básica, voltando-se para a formação continuada de professores, sem que haja relação de hierarquia nos saberes dos participantes. Por isso, optamos por uma pesquisa do tipo colaborativa.

Este projeto usa o conceito de pesquisa colaborativa de dois autores internacionais: Lieberman (1986), que a significa como fazer pesquisa “com” os professores e não “sobre” eles; e Smyser (1993), que a define como uma técnica através da qual as pessoas reunidas atuam como parceiras com a finalidade de adquirir conhecimento sobre uma determinada situação ou objeto. Em nosso entendimento, esta técnica, além de gerar informações sobre o processo avaliativo, faz com que cada participante aprenda com os demais.

Os autores nacionais que trabalham com este tipo de pesquisa referendam os internacionais e acrescentam que esse procedimento metodológico conduz a um fazer participativo, contribuindo para o desenvolvimento profissional e a formação continuada de professores e promovendo uma aproximação entre universidade e escolas (CAPELLINI, 2004; IBIAPINA, 2008; TOLEDO; VITALIANO, 2012). Estes últimos autores definem a pesquisa colaborativa como uma proposta de investigação educacional, capaz de articular pesquisa e desenvolvimento profissional por intermédio de aproximações entre universidades e escolas.

A pesquisa colaborativa apresenta duas vertentes: formação e pesquisa. A dimensão formativa do enfoque colaborativo apoia os professores no movimento de problematização de sua prática docente nas SRMs, mobilizando-os para o enfrentamento dos desafios no

cotidiano escolar. O outro aspecto, o da dimensão da pesquisa, oportuniza a aproximação entre professores do ensino superior e da educação básica; portanto, contribui para a possibilidade da superação da dicotomia entre conhecimento teórico e prático. É nesse momento que se problematizam as questões relativas à produção do conhecimento na perspectiva colaborativa.(s/p).

Deste modo, o presente projeto, trabalhando nesta direção metodológica, pretenderá, ao mesmo tempo em que realizar uma investigação, fazer desta oportunidade uma experiência de formação profissional a todos os participantes.

INSTRUMENTOS DE COLETA/CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Para o desenvolvimento de uma pesquisa são necessários alguns instrumentos, os quais darão os subsídios necessários para, após a análise dos mesmos, chegar-se à conclusão. Assim sendo, os instrumentos serão: diários de campo; relatórios; documentos e registros feitos anteriormente pelos pesquisados; questionários; entrevistas; filmagem e fotografia.

PROCEDIMENTOS DE COLETA/CONSTRUÇÃO DOS DADOS

O diário de campo é um instrumento importante na pesquisa colaborativa. Permite o registro diário para gerar um histórico de desenvolvimento de pesquisa, já que pode incluir um resumo dos acontecimentos, bem como conversas, debates, opiniões, questões a serem aprofundadas, observações de eventos e/ou fatos, planejamento para o próximo dia.

Os relatórios dão-se, ao longo da pesquisa, de forma parcial. E ao final, na forma de Relatório de Pesquisa. Nos relatórios, apresenta-se (parcial ou finalmente, conforme for o caso) as informações pertinentes ao estudo, com descrição dos fatos, dados, procedimentos utilizados e resultados obtidos com o desenvolvimento do trabalho. A cada momento acordado da pesquisa estes relatórios são checados com o grupo participante, de forma que sua produção final seja mais coletiva do que apenas dos pesquisadores.

A análise de documentos e registros anteriormente produzidos pelos participantes permitirá fazer o recolhimento de informações prévias sobre o problema, investigando as possíveis causas. Esses documentos serão solicitados à direção e/ou professores da escola.

Os questionários e entrevistas visam a identificação da opinião dos pesquisados a respeito do que está sendo desenvolvido na implantação da pesquisa. Para Rummel (1981, p.103) “os questionários são utilizados principalmente ao realizar estudos (...) de sondagens de opiniões e de levantamentos, de atitudes”. Segundo Gil (1994, p.124), o questionário tem

como objetivo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”. Portanto, os questionários aplicados durante a realização da pesquisa darão a visão de como os pesquisados estão engajados.

Quanto às entrevistas, optamos por trabalhar com o modelo de grupos focais exploratórios, que, segundo Gondin (2009, s/p):

(...) estão centrados na produção de conteúdos; a sua orientação (...) prática tem como alvo a produção de novas ideias, a identificação das necessidades e expectativas e a descoberta de outros usos para um produto específico. Sua ênfase reside no plano intersubjetivo, ou melhor, naquilo que permite identificar aspectos comuns de um grupo alvo.

A filmagem e a fotografia serão mais subsídios de avaliação dos procedimentos realizados durante a pesquisa, que permitirão preservar o momento de participação e de ação dos pesquisados. Em paralelo ao uso destes instrumentos, reuniões periódicas da equipe de pesquisa para planejamento, avaliação e esclarecimento, costumam ser necessárias e parte corriqueira da pesquisa colaborativa.

PROCEDIMENTOS DE ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Quanto aos dados imagéticos filmados, os materiais serão decupados (minutados), transcritos e editados tendo em vista realizar sumários das discussões do dia para disponibilizá-los ao grupo participante dos encontros de formação por meios virtuais, funcionando como um banco de dados coletivizados da pesquisa. Os dados imagéticos fotografados, por sua vez, serão utilizados como material ilustrativo e apenas quando pertinente ou necessário em artigos e relatórios de pesquisa, ou ainda produtos gerados ao longo da mesma (como, por exemplo, um possível livro a ser escrito pelas participantes).

Em relação aos dados verbais falados e/ou escritos, procederemos ao uso da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2013), enriquecida por e apoiada nas nossas perspectivas teórico-metodológicas sobre inclusão em educação, em particular, a que vimos intitulado de Omnilética (SANTOS, 2013).

ESTRUTURA DA PESQUISA E DO CURSO

O campo da pesquisa será o próprio curso proposto, o que significa dizer que cada encontro será filmado, fotografado, anotado, transcrito e minutado. Pretendemos que ele seja realizado em 60 horas presenciais, com 15 horas complementares em meios virtuais. O

ingresso à experiência de formação será feito por meio de edital, priorizando como público professores e membros de equipes gestoras de escolas públicas da educação básica e, em especial, aos atuantes em classes comuns/escola regular.

O currículo do curso, a exemplo do que foi feito no projeto anterior, será construído parcialmente a partir de nossos objetivos de pesquisa e dos interesses levantados entre os participantes no primeiro encontro. Deste modo, este encontro, além de servir para apresentação do projeto para participarem do mesmo, servirá também como momento de coleta exploratória de interesses de formação por parte dos participantes. Esta coleta exploratória será planejada curricularmente levando em conta os objetivos da pesquisa, para que os pesquisadores elaborem uma proposta curricular que atenda aos interesses dos dois tipos de participantes: pesquisadores e inscritos no curso.

Os encontros ocorrerão na UFRJ no Campus da Praia Vermelha, em formato de atividades teórico-práticas e tendo como fundamentação o Índice para a Inclusão. A metodologia será conduzida de forma a promover a participação de todos, uma vez construídas as temáticas dos encontros seguintes, em função das dificuldades que envolvem os saberes e práticas em sala de aula.

Este curso de formação continuada, além de constituir-se em uma pesquisa colaborativa, possui, também, um caráter extensionista em nível de aperfeiçoamento, com direito a certificação para os professores que participarem de no mínimo 8 (oito) dos 10 (dez) encontros. Os 10 (dez) encontros ocorrerão nas seguintes datas: 15 e 29 julho, 02 e 16 setembro, 07 e 21 de outubro, 11 e 25 de novembro, 02 e 16 de dezembro. O horário será de 10h às 13h e de 14h às 17h (6 horas cada dia), incluindo mais 15 horas ao longo de todo o curso para trabalhos virtuais, perfazendo um total de 75 horas de formação. Como se trata de uma formação fundamentada em reflexão-decisão-ação, a cada encontro, novos dados serão construídos, implicando em análise constante e planejamento subsequente dos próximos encontros, na medida em que as necessidades e demandas se façam.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DE PESQUISA

Tendo em vista o trabalho com filmagens, fotografias e gravações de áudio, os participantes serão solicitados a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), em que será assegurado seu direito de participação ou desistência do curso conforme for de sua necessidade, sem nenhuma consequência danosa aos mesmos. Também solicitaremos a autorização de uso de imagens e depoimentos, e aqueles que não quiserem

permitir, mas que ainda desejarem participar da pesquisa, não serão identificados quando utilizarmos seu depoimento, seja em filme, em foto, em áudio ou ao escrevermos artigos e outros produtos originários de pesquisas desta natureza. Quaisquer outros procedimentos que os participantes considerem necessário para que se sintam confortáveis com sua participação, poderão ser tratados diretamente com os pesquisadores, e serão acatados.

Referencial Teórico

Como somos pesquisadores com diferentes bases teórico-epistemológicas, trabalharemos com uma variedade de autores que nos inspirarão em nossas discussões e análises, dentre os quais destacamos: Booth e Ainscow (2002, 2011); Adorno (2012, 2006, 1995); Bourdieu (1998); Bourdieu & Passeron (2008), Geraldi; Fiorentini; Pereira (1998) Morin (1977, 1986, 2000, 2011, 2013); Marx (1996); Marx e Engels (2001); Kelman et alii (2013, 2014); Damasceno (2012, 2010, 2006); Santos (2011, 2012, 2013); e outros que se façam necessários, à medida que as análises avançam. Mais do que detalhar o que cada autor trata em particular, o que nos pareceu importante a destacar, neste momento, é que todos os autores defendem um mundo menos excludente e mais engajado nas lutas contra as desigualdades. Este é o eixo *práxico* (teórico-epistemológico e prático) que nos une. Vale dizer que o sentido de *práxico* aqui adotado é o proposto por Pereira (2009, p. 1), para quem:

Ser humano **práxico** é aquele que faz movimentar a História com sentido e com significado; é ser humano que faz cultura, é ser humano ativo no exercício da criação, da expressão e da busca da liberdade; é ser humano que se revela crítico na tomada de decisão e de oposição; é ser humano que resolve problemas; é ser humano ético e solidário; ou seja, (...) é ser humano que sabe ser, sabe estar, sabe fazer, sabe comunicar, sabe compartilhar e desenvolver uma cultura da paz. É humano educado para transcender em busca do sonho que comanda e faz pulsar a vida.

Neste sentido é que adotamos como material de base para a construção dos encontros de formação e do currículo a ser construído no presente projeto o Index para a Inclusão, elaborado por BOOTH e AINSCOW (2011), cujos preceitos práticos atendem a diferentes interesses e facilitam conjugar diferentes referenciais teóricos.

O Index, nas palavras dos próprios autores,

(...) é um conjunto de materiais para apoiar a autorrevisão de todos os aspectos de uma escola, incluindo atividades no pátio, salas de professores e salas de aulas e nas comunidades e no entorno da escola. Ele encoraja todos os funcionários, pais/responsáveis e crianças a contribuírem com um plano de desenvolvimento inclusivo e a colocá-lo em prática (BOOTH e AINSCOW, 2011, p. 9).

Um dos pesquisadores de nossa equipe, além de ter trazido o Index para o Brasil, traduziu-o e tem-no utilizado como base para muitas de suas pesquisas desde 1997 (SANTOS e OLIVEIRA, 1999; SANTOS, 1999/2000, SANTOS, 2010), sendo, por este motivo, a representante brasileira da Rede Internacional do Index para a Inclusão (Index for Inclusion Network), recentemente (2012) criada pelo professor Tony Booth, principal criador e desenvolvedor do Index. Este detalhe é relevante para ilustrar nossa grande familiaridade com o referido material, o quanto temos atestado sua eficácia, assim como o quanto o mesmo representa em termos de trabalho colaborativo com equipes internacionais de pesquisa, o que, em nosso ver, enriquece o presente projeto.

Em termos práticos, o Index pode ser adaptado a qualquer instituição e utilizado com qualquer ator social (SANTOS; SANTIAGO, 2011, 2013; SANTOS e SENNA, 2012). Isto porque, conceitualmente, sua definição de inclusão ultrapassa aquela restrita à educação especial para pensar as desigualdades, os mecanismos de exclusão e as discriminações. Além disso, sua característica “física” é bastante interativa e intuitiva, sendo composta por três grandes dimensões de investigação (Cultural, Política e Prática), dentro de cada uma das quais existem dois eixos norteadores de reflexões-ações (compondo, portanto, 6 grandes eixos). Cada um destes eixos desdobra-se em vários indicadores para análise, reflexão e decisão de ações, conforme vão sendo considerados prioritários pelos profissionais da instituição que o adota. E estes indicadores, por sua vez, desdobram-se em questões (a serem também priorizadas para reflexão, decisão e ação) que darão o “tom” das transformações que, inevitavelmente, começam a ocorrer nas instituições e seus sujeitos, a partir das reflexões geradas pelo trabalho com o Index.

A dimensão das *culturas* refere-se à construção e desenvolvimento de valores, percepções, justificativas e crenças que cada ator social traz consigo, como fruto de suas experiências e história de vida, tanto em nível pessoal quanto profissional. A dimensão das *políticas* refere-se às intenções que, explicitadas, têm por objetivo inspirar as ações. Neste

sentido, esta dimensão, embora inclua, não se refere somente a normativas e marcos legais, como também a projetos, missões institucionais, regimentos, grades curriculares, e assim sucessivamente. A dimensão das *práticas*, por sua vez, refere-se a toda ação humana, que se manifesta nas arenas sociais e nas instituições, no trato com o próximo e com os mecanismos institucionais e sociais. Vale ressaltar que estas dimensões coexistem e se inter influenciam mútua e simultaneamente, ora entrando em conjunção, ora em disjunção, ora em acordo, ora em contradição, num movimento dinâmico e constantemente mutante.

Abaixo, na figura 1, ilustramos uma das dimensões com seus dois eixos de reflexão e alguns indicadores com suas respectivas questões:

Dimensões	Eixos Norteadores	Indicadores	Questões
A - CULTURAS	1 - Edificando a comunidade	1 - Todos são bem vindos?	a) O 1º contato que as pessoas têm com a escola é acolhedor? u) Todos sentem-se donos da escola?
		11 - Os profissionais associam o que acontece na escola à vida das crianças em casa?	b) Os profissionais percebem que alguns alunos sentem-se mais à vontade na escola do que outros? k) Os profissionais evitam tirar conclusões sobre as atividades e crenças dos alunos?
	2 - Estabelecendo valores inclusivos	1 - A escola desenvolve valores inclusivos compartilhados?	m) As mudanças na escola são feitas com valores consensuados? n) As discussões vão além dos nomes dos valores, até a complexidade de seus significados?
		10 - A escola contribui para a saúde das crianças e adultos?	g) O stress e a fúria são vistos como causados pelas difíceis circunstâncias de alguns alunos? k) Existe água potável fácil e abundante?

Figura 1- Ilustração de trechos do Index para a Inclusão usado para o trabalho com uma escola pública no município do Rio de Janeiro.

Assim sendo, a ideia será conjugarmos os interesses de formação levantados no primeiro dia dos encontros com as dimensões e eixos, e alguns dos indicadores e questões do Index (aqueles que levantarmos como mais relacionados aos temas escolhidos para a formação pelos participantes), em que estes últimos formarão a base curricular para trabalharmos os assuntos demandados pelos participantes, tendo em vista colocarmos em ação uma formação praxica, conforme mencionamos acima.

Palavras-chave

Formação docente, Diversidade, Inclusão em Educação, Práticas Pedagógicas.

EQUIPE DE PESQUISADORES (Ordem alfabética)

O presente projeto será executado por uma equipe de pesquisadores de quatro instituições públicas de nível superior do estado do Rio de Janeiro, a saber:

Prof. Dr. Allan da Rocha Damasceno (UFRRJ)
Profa. MSc. Angela Maria Venturini (ISERJ)
Profa. Dra. Celeste Azulay Kelman (UFRJ)
Profa. Dra. Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)
Profa. Dra. Mylene Cristina Santiago (UFF)

Cronograma:

MESES/ANOS	ATIVIDADES E DIAS DE ENCONTROS DE FORMAÇÃO
JUL 2016	15 e 29
AGO 2016	-----
SET 2016	02 e 16
OUT 2016	07 e 21
NOV 2016	11 e 25
DEZ 2016	02 e 16
JAN E FEV 2017	Organização dos dados em um Banco de dados
MAR A ABR DE 2017	Elaboração do Relatório Final da pesquisa
MAIO A JUL DE 2017	Apresentação dos dados aos municípios participantes e elaboração de novo projeto, se cabível.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação para emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Notas marginais sobre teoria e práxis. In: **ADORNO, T. W. Palavras e sinais: modelo crítico**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BOOTH, Tony e AINSCOW, Mel. **The Index for Inclusion: Developing Learning and Participation in Schools**. London: CSIE, 2011.

BORTOLOTTI, Nelita. **O sentido da ciência no ato pedagógico: conhecimento teórico na prática social**. 2007. 240p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BOURDIEU, P; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL/MEC/SECADI. **Decreto 6571 de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007.** Brasília, DF: Presidência da República, D.O.U. de 18/09/2008.

BRASIL/MEC. **Manual de Orientação**: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais. Brasília – DF, 2010.

BRASIL. **Decreto Lei Federal nº 7611/2011. Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 17/11/2011.

CAPELLINI, Vera Lúcia M. F. **A avaliação das possibilidades do trabalho colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental.** 2004. 299 f. Tese (Doutorado em Educação Especial). UFSCar, São Carlos, SP.

DAMASCENO, Allan Rocha; PEREIRA, A. S., Democratização da educação – o projeto pedagógico e a organização a escola inclusiva: experiências de escolas públicas. In: CARVALHO, M. B. W. **Educação básica, educação superior e inclusão escolar**: pesquisas experiências e reflexões, Niterói, Intertexto, 2012.

DAMASCENO, A. R. [Et.al] (organizadores), **Educação profissional inclusiva**: desafios e perspectivas - Seropédica, RJ: EDUR, 2012.

DAMASCENO, Allan Rocha, **Educação Inclusiva e organização da escola: projeto pedagógico na perspectiva da teoria crítica**, Tese de Doutorado, Niterói, 2010.

DAMASCENO, A. R. **A formação dos professores e os desafios para a educação inclusiva**: as experiências da escola Municipal Leônidas Sobrinho Pôrto. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

IBIAPINA, Ivana Maria L. de Melo. **Pesquisa colaborativa** – Investigação, formação e produção de conhecimentos. Série Pesquisa, v.17. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

JARDILINO, José Rubens Lima. A pesquisa Educacional no Brasil, Algumas estratégias metodológicas de pesquisa sobre a formação de professores e o cotidiano escolar: a etnografia e a pesquisa ação colaborativa. Palestra apresentada no **III Congresso Internacional sobre Pesquisa Educacional**, realizado pelo PPGE da Universidade Nove de Julho, novembro de 2010.

KELMAN, Celeste Azulay; VENTURINI, Angela Maria; COTA, Flávia dos Santos; GORNE, Carolina dos Santos. A quem cabe a avaliação dos alunos público alvo da Educação Especial? (no prelo). Observatório Nacional de Educação Especial, 2014.

KELMAN, Celeste Azulay; VENTURINI, Angela Maria; SANTOS, Mônica Pereira dos; MORAIS, Silvilene de Barros Ribeiro; RODRIGUES, Michelly Aguiar. Formação de professores e organização do ensino nas salas de recursos multifuncionais e classes comuns. Publicado nos **Anais do VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial**. Londrina: EdUEL, 2013.

GERALD, Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. **Cartografias do trabalho docente: Professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação Qualitativa: desafios metodológicos. Disponível em: <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>
Último acesso em: 30/01/2009.

LARA, Marcos Rodrigues de. **Avaliação institucional: em busca de um currículo crítico-emancipatório em construção**. 2007. 234p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIEBERMAN, A. (1986). Collaborative research: Working with, not working on... **Educational Leadership**, 43(5), 29-32, 1986.

MARX, Karl. **O Capital – Tomo II**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: martins Fontes, 2001.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **O Método 1. A Natureza Da Natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1977, 2ª ed.

_____. **O Método 3. O Conhecimento Do Conhecimento**. Portugal: Publicações Europa-América, 1986.

_____. **O Método 4. As Ideias**. Disponível em www.multiversidadreal.org, s/d. Acesso: maio 2013.

_____. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PEREIRA, Ana Maria. A educação escolarizada deve ensinar o homem a conhecer, fazer, viver juntos e ser. Publicado nos **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul-brasileiro de Psicopedagogia**. 26-29 de outubro de 2009 – PUC/PR. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2614_1816.pdf. Acesso em 20/01/2015.

SANTOS, Mônica Pereira dos; OLIVEIRA, Renato José de. Além da visão liberal de tolerância: um passo na construção de uma ética que inclua o portador de deficiências e

demais excluídos na escola e na sociedade. **Contexto & Educação** Revista de Educación en América Latina y el Caribe. 14(56) Out./Nov. 1999.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Desenvolvendo Políticas e Práticas Inclusivas "Sustentáveis": uma Revisita à Inclusão. **Educação em Foco**, vol.4, no.2, set/fev.1999/2000, pp.47-56.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Culturas, políticas e práticas de formação docente para a diversidade: um desafio premente, mas nada atual. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva e SANTOS, Lucíola (orgs.). **Coleção Didática e Prática de Ensino – Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente: Educação de Jovens e Adultos, Educação de Pessoas com Deficiências, Altas Habilidades e Condutas Típicas, Educação do Campo, Educação, Gênero e Sexualidade, Educação Indígena e Relações Raciais e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 269-291.

SANTOS, Mônica Pereira dos, **SANTIAGO**, Mylene Cristina. As múltiplas dimensões do currículo no processo de inclusão e exclusão em educação. Revista **Espaço do Currículo** (Online), v.3, p.548 - 562, 2011.

SANTOS, Mônica Pereira dos, SENNA, Manoella. O papel do gestor da educação especial e o Plano de Desenvolvimento da Educação: tessituras e rupturas. **Anais do V Congresso Brasileiro de Educação Especial**. São Carlos, 2012.

SANTOS, Mônica Pereira dos, **SANTIAGO**, Mylene Cristina. Ciclo de formação de professores sobre inclusão em educação: em direção a uma perspectiva omnilética In: **Anais da 36ª ANPED**, 2013, Goiânia

SANTOS, Sandra Regina Pinto dos. **Movimentos identitários e investigativos de professores no cotidiano escolar: o exercício instituinte da pesquisa como práxis em diálogo com representações sociais**. 2006. 196p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SMYSER, B. M. **Active and Cooperative Learning**. 1993. Disponível em http://www.wpi.edu/~isg_501/bridget.html Acesso em 30/04/2014.

TOLEDO, Elizabete Humai de; VITALIANO, Célia Regina. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, n.2, p. 319-336, 2012.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos – métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.